

RESENHA

CESÁRIO, MARIA MAURA; VOTRE, SEBASTIÃO; COSTA, MARCOS ANTÔNIO. IN: MARTELOTTA, MÁRIO EDUARDO (ORG.). **MANUAL DE LINGUÍSTICA**. SÃO PAULO: EDITORA CONTEXTO, 2008, P. 141-155.

LOPES NETO, JOÃO SIMÕES. **CONTOS GAUCHESCOS**. 9. ED. PORTO ALEGRE: GLOBO, 1976. (COL. PROVÍNCIA)

MENDES, R. B.. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA. IN: FIORIN, JOSÉ LUIZ (ORG.). **INTRODUÇÃO À LINGUÍSTICA - I. OBJETOS TEÓRICOS**. 1. ED. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2002, V. 1, P. 121-140.

MOLLICA, MARIA CECILIA. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: CONCEITUAÇÃO E DELIMITAÇÃO. IN: MOLLICA, MARIA CECILIA; BRAGA, MARIA LUIZA (ORGS.). **INTRODUÇÃO À SOCIOLINGUÍSTICA: O TRATAMENTO DA VARIAÇÃO**. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2003.

Simone Maria Rossetto*
Dr. Ernani Cesar de Freitas**

Nas relações comunicativas, no uso real da língua, estabelecem-se diferenças diatópicas, diastráticas e diafásicas, que modificam o processo de estruturação e produção linguística. Essas diferenças são chamadas variações linguísticas e são o objeto de estudo da Sociolinguística. Nos artigos que passarão a ser resenhados, desvenda-se como essa heterogeneidade se organiza no sistema linguístico.

Cesário (2008), Mendes (2002) e Mollica (2003) acreditam que a língua pode variar devido à influência de fatores extralinguísticos. Nessa perspectiva, falantes de uma mesma língua apresentam diferenças no seu modo de falar de acordo com o lugar em que estão (variação diatópica), em grupos socioeconômicos diferentes (variação diastrática) ou, ainda, de acordo com o contexto

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade de Passo Fundo (UPF). E-mail: simone.rossetto@hotmail.com

** Doutor em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: ecesar@upf.br

interacional ou do meio usado para a comunicação (variação diafásica). O interesse principal da Sociolinguística é o de localizar e descrever regional e socialmente estas variações, levando em consideração seu dinamismo inerente, em que diferentes elementos linguísticos veiculam um mesmo significado.

O estudo da “sociolinguística variaçionista” ou “teoria da variação” firmada nos Estados Unidos, na década de 1960, pelo linguista William Labov, leva em consideração uma abordagem baseada na sistematicidade da língua, a qual permite ver regularidade por trás do aparente caos da comunicação livre, em que diversas formas linguísticas se cruzam, implementam ou desaparecem com o tempo. No caráter sistêmico da língua, as variantes funcionam como um modo diferente de dizer a mesma coisa, mas, nem por isso, perdem seu caráter de legitimidade e de previsibilidade de produção.

A sistematicidade da língua se dá tanto na forma quanto no conteúdo. O significado e a estrutura de uma frase, por exemplo, é exaustivamente determinado pelos seus constituintes e o modo como estão combinados. Além disso, para a comunidade variaçionista, diferenças entre comunidades de fala devem equivaler a diferenças gramaticais, pois os contextos linguísticos devem diferir sobre o uso das variantes. Não esquecendo que não podem ser confundidas comunidades de fala com cidades, já que naquelas, falantes compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo dos

outros, independentemente do local em que estão inseridos.

O falante inserido numa comunidade de fala interage com os membros dessa comunidade, trocando experiências e construindo novos significados. O modo como ele fala permite que sejam organizados agrupamentos com outros falantes que possuam traços comuns entre si. Dependendo do número de traços compartilhados e da intensidade da convivência entre eles, podem surgir subcomunidades linguísticas que servem de exemplo da relação entre sociedade e linguagem, uma vez que reconhece o estabelecimento da organização da sociedade em classes.

Vale lembrar que toda a língua apresenta variantes mais prestigiadas do que outras, podendo ser estáveis e mutáveis, ou seja, permanecendo nos sistemas durante diferentes períodos de tempo ou alterando-se. Cabe à Sociolinguística investigar as variantes que recebem *status* positivo ou negativo sobre o uso linguístico, destruir preconceitos e relativizar a noção de erro. Sob esta perspectiva, embora os julgamentos de valor não sejam aplicados, torna-se relevante impedir práticas pedagógicas que desqualificam expressões linguísticas naturais e legítimas e que privilegiam o padrão culto como a única forma aceitável e respeitada.

Outro aspecto importante a ser destacado é o resultado obtido através de uma pesquisa sociolinguística realizada no estado do Rio de Janeiro com analfabetos adultos, na década de 1970, a qual revelou que muitas formas não padrão também

ocorrem na fala de pessoas com nível superior, principalmente nos momentos mais informais. Verificou-se, ainda, que as pessoas analfabetas têm maior tendência a marcar o número plural apenas no primeiro elemento do sujeito, ao contrário de pessoas mais instruídas, que tendem a expressar plural em todos os elementos da frase. Porém, não se pode afirmar que a forma culta e a não padrão não sejam utilizadas num ou noutro grupo.

Para ilustrar de forma mais clara os conceitos abordados até então, verificar-se-á como as variações linguísticas aparecem no conto “O Negro Bonifácio”, da obra de João Simões Lopes Neto, *Contos Gauchescos*:

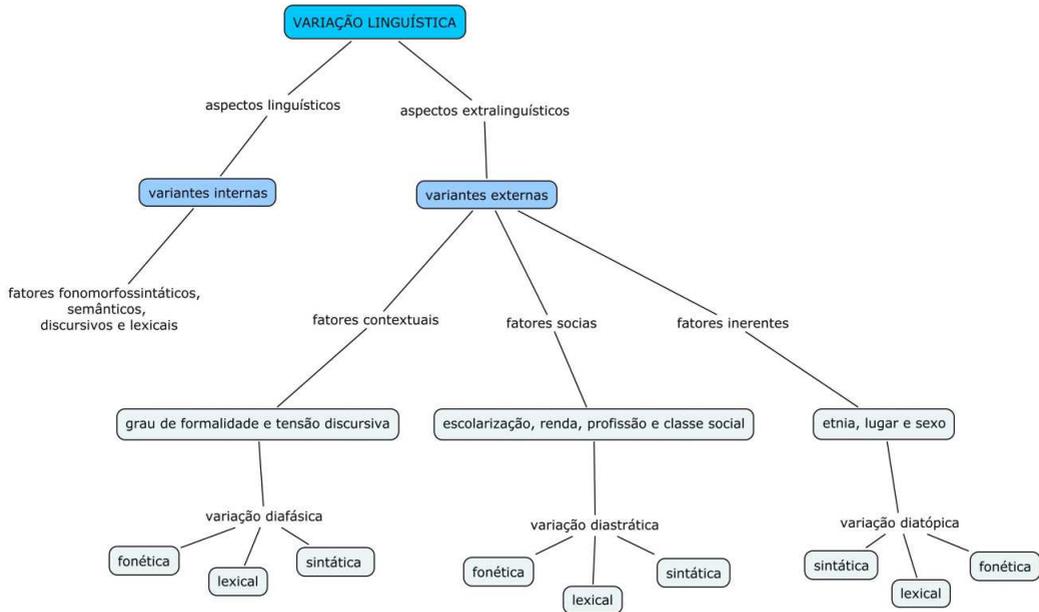
- Ora bem; depois de se mostrar um pouco, o negro apeou a chirua e já meio entropigaitado começou a pastorejar a Tudi-nha... e tirando-se dos seus cuidados encostou o cavalo rente no dela e aí no mais, sem um – Deus te salve! – sacudiu-lhe um convite para uma paradita na carreira grande [...]. (pág. 8).

O leitor que não conhece o dialeto da região sul do Brasil, ao deparar-se com esta obra, certamente encontrará dificuldades para entender a significação de certos termos do texto, porém não poderá afirmar que a obra não faz sentido. Porque, apesar de a variação ser universal, ela é homogênea quanto à sua estrutura, o que possibilita dizer que o leitor da obra poderá entender perfeitamente que são construções possíveis dentro da língua e, contextualizando-as com a história da narrativa, vai atribuir maior carga semântica ao texto.

Os termos *apeou, chirua, entropigaitado, pastorejar, convite, paradita*, por exemplo, são provenientes do dialeto característico do interior do Rio Grande do Sul, comum na época da Revolução Farroupilha, e que Simões Lopes Neto utilizou no intuito de romper com a convenção literária, fazendo largo uso do léxico e eventualmente da sintaxe próprios da linguagem da campanha, mas submetendo-os à morfologia da norma culta. Com isso, esses termos fazem parte do eixo diatópico da variação linguística, por apresentar características próprias da comunidade linguística daquela região. Assim, ele manteve a “cor local”, própria do regionalismo, sem romper com a tradição literária, fazendo universal também a sua linguagem.

Por fim, a Sociolinguística vê a língua como algo que é, ao mesmo tempo, linguístico e social, observando as diferentes formas linguísticas como variantes que coexistem em um meio social e acredita que tanto fatores internos como externos podem interferir no uso da língua, gerando a variação. Além disso, preocupa-se com a língua falada e reconhece-a como dinâmica, heterogênea, instável, variável e que está em constante construção. Reconhecê-la como fruto de relações sociais e interacionista é perceber que a língua é contínua e mutável.

A seguir, segue um mapa conceitual que esquematiza as características dos fatores que determinam a variação linguística:



Recebido para publicação em 15 ago. 2012.

Aceito para publicação em 20 jan. 2013.